OPINIÃO SOCIALISTA

Nº 554
De 10 a 23 de maio de 2018
Ano 21

 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

MORADIA

ISSO É O CAPITALISMO. TRAGÉDIA E MORTE PARA OS POBRES

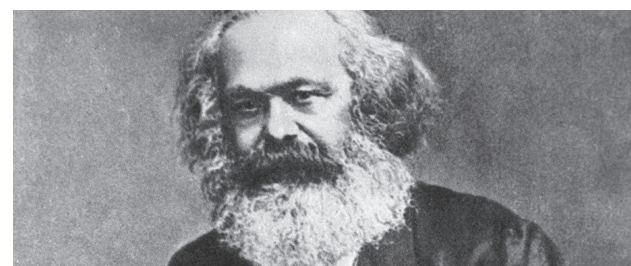
130 ANOS DA ABOLIÇÃO

Não veio com abolição. Virá com rebelião. Reparação já!

Páginas 4 e 5

200 ANOS DE MARX

Opinião Socialista lança série especial para você entender Marx

Páginas 10 e 11

DESEMPREGO

A reforma Trabalhista aumenta o desemprego

Página 7

MAIO DE 1968

50 anos da rebelião que uniu operários e estudantes

Páginas 12 e 13

páginadois

Falou Besteira

"O prédio foi invadido, e parte dele por uma facção criminosa"

JOÃO DÓRIA (PSDB) em declaração logo após o desabamento do prédio em chamas no centro de São Paulo.

O calote de Temer

Na campanha publicitária do governo, o ator Nobu Kahi interpreta um trabalhador do setor industrial feliz com a volta do emprego e da atividade econômica. Mas na vida real, ele não sabe quando vai receber. O ator fez parte de um dos vídeos da campanha do governo Temer para divulgar a suposta queda do desemprego. Mas ele teve o contrato de trabalho desrespeitado, e ainda sofreu assédio moral durante as filmagens. Em março, Nobu fez um teste para a propaganda do governo. Se a peça fosse ao ar, como de fato foi, renderia um cachê de R$ 1 mil. Quando a campanha finalmente foi ao ar, em 7 de abril, o produtor avisou que o cachê tinha caído para R$ 600, sem dar nenhuma explicação. Disse ainda que o pagamento só seria feito dali a 90 dias - ninguém tinha avisado Nobu desta condição antes de o trabalho começar. O assédio moral, segundo o ator, começou desde o início do trabalho. "Já no teste ele ficava me chamando de 'japa', de um jeito pejorativo, fazendo piadas infames e sendo muito preconceituoso. Nunca me senti mal de me chamarem da japa, mas ele me tratou de um jeito horrível, me transformou em motivo de chacota no set", conta. Até o momento, Nobu não recebeu nenhum centavo pelo seu trabalho.

57% aprovam o socialismo

Duzentos anos após o nascimento de Karl Marx (1818-1883), que fundou as bases teóricas do socialismo, o sistema social proposto pelo evolucionário alemão é aprovado pela maioria. É o que mostra uma pesquisa de opinião realizada em todo mundo, por meio da internet. Pelo levantamento, 57% aprovam o socialismo. Além disso, 50% dos entrevistados acredita que as ideais socialistas têm grande valor para o progresso da sociedade. A sondagem online foi feita entre março e abril. No total, 20.793 pessoas de 18 a 65 anos foram ouvidas em 28 países, inclusive no Brasil.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 – Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14.555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, Nº 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ
MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, Nº 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS
MANAUS | R. Manicoré, Nº 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA
ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, Nº 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207
ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033
SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ
FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, Nº710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701
IGUATU | R. Ésio Amaral, Nº 27. Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA | SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215, Asa Sul.
Tel. (61) 3226.1016 / (61) 9.8266-0255
(61) 9.9619-3323

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS
GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO
SÃO LUÍS | R. dos Prazeres, Nº 379. Centro
(98) 9.8847-4701

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE | R. Brasilândia, Nº 581 Bairro Tiradentes.
Tel. (67) 9.9989-2345 / (67) 9.9213-8528
TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, Nº 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE | R. dos Goitacazes, Nº 103, sala 1604. Centro.
CEP: 30190-910
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com
CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, Nº 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg
CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, Nº5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693
ITAJUBÁ | R. Renó Junior, Nº 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010
JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554
pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA | R. Monsenhor Horta, Nº 50A, Rosário.
www.facebook.com/pstu.mariana.mg
MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, Nº 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971
PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113
SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br
UBERABA | R. Tristão de Castro, Nº127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499
UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, Nº 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ
BELÉM | Travessa das Mercês, Nº391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA
JOÃO PESSOA | Av. Apolônio Nobrega, Nº 117. Castelo Branco
Tel. (83) 3243-6016

PARANÁ
CURITIBA | Tel. (44) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO
REFICE | R. do Sossego, Nº 220, Térreo. Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ
TERESINA | R. Desembargador Freitas, Nº 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171
DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679
MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649
NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991
NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616
NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679
RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br
SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº107, casa 8. Alcântara.
VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, Nº 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216
NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL
ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817
CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965
GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842
PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, Nº 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com
PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 3228-1334
pstugaucho.blogspot.com
SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1772
SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RONDÔNIA
PORTO-VELHO | Tel: (69) 4141-0033
Cel 699 9238-4576 (whats)
psturondonia@gmail.com

RORAIMA
BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA
BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586
CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489
FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, Nº17, 2º andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com
JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO
ABC | R. Odeon, Nº 19. Centro (atrás do Term. Ferrazópolis). Tel. (11) 4317-4216
(11) 9.6733-9936
BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272
CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, Nº 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br
DIADEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marilene. Tel. (11)942129558
(11)967339936
GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871
MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372
OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131
SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117
SÃO CARLOS| (16) 3413-8698
SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, Nº 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604
SÃO PAULO (Leste - São Miguel)| R. Henrique de Paula França, Nº 136. São Miguel Paulista
SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, Nº 65. Tel. (11) 9.8688.7358
SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)| R. Paulo Garcia Aquiline, Nº 201.
Tel. (11) 9.5435-6515
SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, Nº 59. Tel: (11) 9.4041-2992
SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, Nº 32.
SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367
S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE
ARACAJU| Travessa Santo Antonio, 226, Centro. CEP 49060-730. Tel. (79) 3251-3530 / (79) 9.9919-5038

As propostas socialistas contra a crise

A crise capitalista mundial está longe de acabar. Nos últimos 20 dias, os fundos de investimentos estrangeiros retiraram US$ 5 bilhões dos países chamados emergentes e levaram aos países ricos. Desses, US$ 1,2 bilhão saiu da América Latina, colocando a Argentina nas cordas e desvalorizando as moedas dos demais países. O real brasileiro teve uma desvalorização de 14%. Isso torna as dívidas em dólares do país mais caras em reais, e os produtos que o país exporta e suas riquezas, mais baratas para os capitalistas internacionais.

A guerra social não para em todo o mundo e no Brasil. Aqui, a vida só piora. O desemprego continua aumentando, deixando milhões de trabalhadores passando necessidade e até fome. A precarização do trabalho e o arrocho salarial têm aumentado ainda mais depois da reforma trabalhista.

A situação só não está pior porque, com a Greve Geral, impedimos a reforma da Previdência. Nas categorias, ainda há greves duríssimas que têm derrotado a retirada de direitos e a implementação da reforma trabalhista da patronal e dos governos.

PRECISAMOS DE UMA REBELIÃO! QUE OS RICOS PAGUEM PELA CRISE

Enquanto aqui embaixo a vida vai ficando mais difícil, os de cima aumentam a exploração e, em meio à crise, preparam as eleições. As eleições não vão mudar a vida. Quase todos os candidatos que aí estão, de Bolsonaro ao PT, defendem fazer reforma da Previdência contra os trabalhadores e governar para os ricos.

Nós precisamos organizar os de baixo para derrubar os de cima e tomar as seguintes medidas para acabar com o desemprego, garantir moradia, saúde, educação, transporte e acabar com a violência:

- Reduzir a jornada de trabalho para 36 horas sem reduzir salários e realizar um plano de obras públicas necessárias que gere emprego e construa moradias, postos de saúde, hospitais e escolas e garanta saneamento básico para 100% da população.
- Revogar a reforma trabalhista, a lei da terceirização e as medidas de Dilma contra o PIS e o seguro-desemprego. Impedir qualquer reforma da Previdência, seja de quem for.
- Suspender o pagamento da dívida pública aos bancos e fazer auditoria. Esse roubo tem que acabar. Esse dinheiro deve ir para saúde, moradia, educação, tecnologia. Nesse sentido, é preciso acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal, que coloca como prioridade do país pagar banqueiro.
- Estatizar e colocar sob controle dos trabalhadores os bancos e as 100 maiores empresas.
- Fazer reforma agrária, regularizar as terras indígenas e quilombolas.
- Prender todos os corruptos e corruptores, confiscar seus bens e estatizar as empresas envolvidas em corrupção, sob controle dos trabalhadores.
- Contra a violência, desmilitarizar a PM, garantir eleição de delegados nas comunidades e dar à população o direito ao armamento e à organização da autodefesa nos bairros. Acabar com a intervenção militar no Rio de Janeiro.
- Nos 130 anos da abolição sem reparações, reparação já! Acabar com o racismo e com a matança da juventude pobre e negra da periferia. Combater a LGBTfobia, garantir o direito ao nome social e que a transexualidade deixe de ser uma patologia. Implementar um plano de educação que ensine a diversidade nas escolas. Acabar com a violência contra as mulheres. Promover direitos e salário iguais para trabalho igual a mulheres, negros e negras, LGBTs e imigrantes.

Essas medidas só podem ser tomadas por um governo socialista dos trabalhadores que governe apoiado em conselhos populares. Para conquistá-las, precisamos de uma rebelião. Queremos uma nova sociedade voltada a atender as necessidades das pessoas e não o lucro. Uma sociedade socialista sem explorados e sem exploradores.

NÃO COMPRE GATO POR LEBRE

As eleições não vão mudar o país. Elas devem ser usadas para aumentar nossa organização, preparar a nossa luta e fazer avançar, entre os trabalhadores, a consciência e a compreensão do que acontece.

É importante saber que Bolsonaro, ao contrário do que pensam alguns jovens operários, não é o que parece. Ele votou a favor da reforma trabalhista e defende a da Previdência.

Alckmin, Meirelles, Maia, Marina são piores do que foi o governo FHC e Doria na prefeitura de São Paulo. Ciro Gomes é outro que vai acabar com a nossa aposentadoria se eleito. Já governou o Ceará e não mudou nada.

Lula, que muitos acham ser um mal menor, se for candidato (ou qualquer outro do PT no seu lugar) já prometeu a reforma da Previdência aos banqueiros e empresários. O PT governou o país durante 14 anos, deu muito mais dinheiro aos banqueiros do que aos pobres, e nosso país continua tão desigual quanto sempre foi.

Guilherme Boulos, do PSOL, junto com PT, Ciro Gomes (PDT), Manuela D'ávila (PCdoB) e o PSB conformam uma Frente Ampla. Discutem um projeto comum para o país e o compromisso de apoio mútuo no segundo turno. Boulos, em entrevista recente na TV Cultura, apresentou-se como a esquerda das demais candidaturas, mas não defendeu nenhuma proposta que possa enfrentar a crise que temos aí em sua raiz. Não propõe sequer a suspensão do pagamento da dívida pública, defende apenas aumentar impostos dos ricos.

Ao invés de propor o fim da desigualdade social, defende a igualdade de oportunidades, ou seja, defende governar o capitalismo. Propõe mudar o país com eleições, plebiscitos e propostas superficiais. Um programa até mesmo mais recuado do que o do PT de alguns anos atrás. Esse caminho de governar o capitalismo com distribuição de renda, nós já vimos.

Devemos defender uma rebelião e um projeto socialista.

RAÇA E CLASSE

130 anos da farsa da abolição da e

SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU

Imagine a seguinte situação: trabalhar por 40, 50, 60 ou 70 anos, de sol a sol, em lavouras de cana, em minas e moendas. Trabalhar sob chibatas e todo tipo de castigo que, muitas vezes, terminavam em morte. Nesse trabalho, você é considerado uma coisa inferior a um animal. As mulheres são vítimas de estupro e de todo tipo de violência. E, assim como seus pais e avós foram sequestrados de outro continente e vendidos em feiras, seus filhos também são vendidos como coisas.

Agora imagine que, quatro séculos depois, esse sistema de trabalho foi abolido sem nenhum tipo de indenização para esses trabalhadores. Pois bem, foi isso que a classe dominante fez quando declarou a abolição da escravidão em 1888, assinada pela princesa Isabel. Inclusive, ao queimar toda a documentação de compra e venda de escravos que estava no Arquivo Nacional, em 1890, Rui Barbosa tentou impedir qualquer comprovação formal do comércio escravo e a reparação ao povo negro ao eliminar tais documentos do estado brasileiro.

A escravidão foi o maior crime que o capitalismo cometeu. Mais de 50 milhões de índios foram eliminados na América. Dos mais de 20 milhões de africanos escravizados, a maioria vindo para o Brasil, entre 40% e 50% perdiam suas vidas nos portos africanos ou na travessia do atlântico, que se transformou num dos maiores cemitérios negros a céu aberto do mundo. Contra esse crime do capitalismo, lutamos por reparações históricas ao povo negro, que sofreu mais de 380 anos com a escravidão oficial do Estado brasileiro e dos grandes proprietários de terra.

Passados 130 anos da abolição, a condição de desigualdade social e racial permanece. Os negros são os que têm os piores indicadores sociais no mercado de trabalho e pouco acesso à educação, à saúde e à moradia. São vítimas preferenciais da violência policial, invisibilizados na mídia, perseguidos por sua religião, discriminados na sua cultura e em suas experiências.

13 DE MAIO

Uma fábula racista

Princesa Isabel (ao centro) durante missa campal pela abolição

A história contada nos livros e nos museus é uma fábula racista: no dia 13 de maio, uma princesa branca se sensibilizou com os negros escravizados e, num gesto de nobreza, assinou um decreto abolindo a escravidão e libertando de vez as negras e os negros da escravidão que ela apoiava e da qual se beneficiou por mais de três séculos.

Como dissemos, é uma fábula racista porque, na verdade, a escravidão já estava se desintegrando por conta do fim do tráfico de escravos e por causa da luta quilombola e das rebeliões negras que corroíam por dentro a escravidão. Havia mais negros fugidos e aquilombados do que nas senzalas, onde já estavam em um número muito pequeno. Como toda fábula racista, o 13 de maio oculta a luta negra por libertação e dá todo o crédito a uma princesa branca que vivia do luxo proporcionado pelo trabalho dos negros escravizados inclusive por ela.

UMA ABOLIÇÃO SEM REPARAÇÕES

A Lei 3.353, redigida pela Princesa Isabel, tinha apenas dois artigos: *"Art. 1º: é declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil; Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário."* O mais impressionante é que essa lei não garantiu absolutamente nada aos negros.

A abolição da escravidão não pôs fim ao racismo. Ao contrário, ao não vir acompanhada de nenhuma reparação, determinou que os negros continuassem tendo uma vida de miséria e racismo, mesmo depois de extinta a escravidão. Negros e indígenas não tiveram acesso aos meios de produção e, muito menos, à terra. Em 1850, com a Lei de Terras, a classe dominante garantiu que as terras ficassem nas mãos dos grandes proprietários, impedindo os negros de possuírem terras próprias para morar e trabalhar.

Como se não bastasse, após a abolição, sob o discurso racista que associava o negro ao atraso, os governos dos ricos e poderosos patrocinaram a imigração de trabalhadores europeus para o Brasil, aprofundando o desemprego dos negros e empurrando-os para os piores trabalhos informais. Os efeitos disso são sentidos ainda hoje. De acordo com o IBGE, das 11,4 milhões de pessoas que vivem em moradias precárias, 7,8 milhões (cerca de 70%) são negros. Segundo o Ilaese, um trabalhador branco da indústria recebe R$ 2.000 por mês, enquanto o trabalhador negro ganha R$ 1.160, um pouco mais da metade do que seu companheiro.

scravidão e a luta por reparações

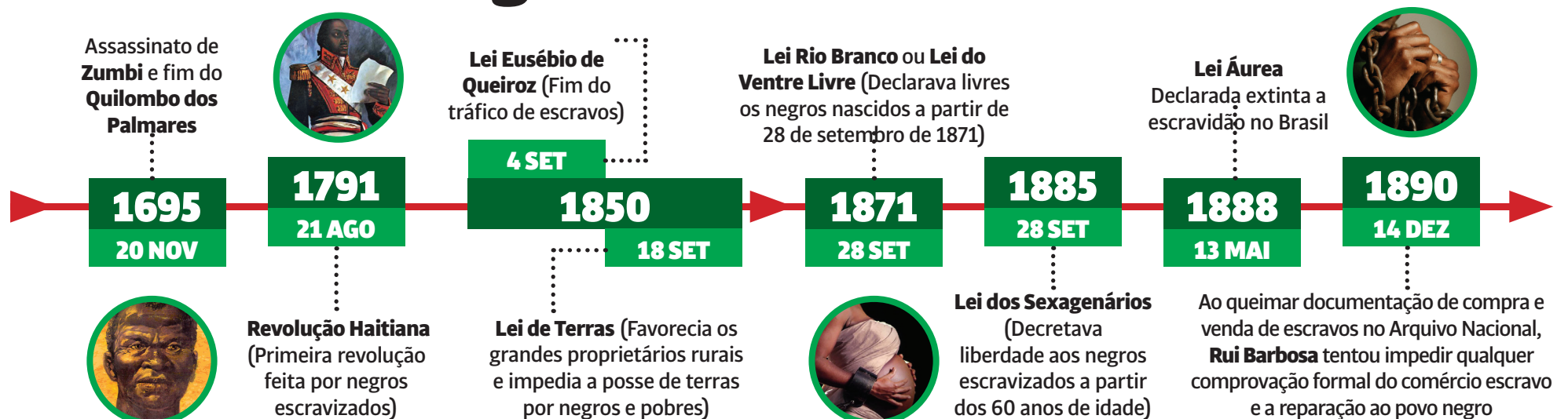
REPRESSÃO

Genocídio da juventude negra e o encarceramento

O aumento do aparato repressivo militar nas periferias e nos morros, o encarceramento em massa de jovens negros, o projeto de redução da maioridade penal: tudo isso ampliou em muito o genocídio da juventude negra. O número de assassinatos cresceu 82% entre negras e negros, e o feminicídio de mulheres negras aumentou quase 55% nos últimos 15 anos.

A intervenção militar no Rio de Janeiro é outra política absurda. As armas e os canhões estão apontados para os moradores das favelas. Essa intervenção aumenta a repressão e causa muitas vítimas, como a vereadora Marielle e o motorista Anderson.

O encarceramento também cresceu. Em 2014, o número de presos superou 570 mil pessoas. O Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O crescimento de mulheres presas subiu cerca 260%, sendo que a maioria é por envolvimento com o tráfico de drogas. Em doze anos, o crescimento carcerário foi de mais de 620%, o que nos leva a concluir que há um controle social sobre os negros no país e uma política de segurança pública apoiada na repressão, no encarceramento e no genocídio do povo negro.

A longa história da escravidão

FIM DO CAPITALISMO

A luta por reparações e o socialismo

O capitalismo foi o sistema que se alimentou da escravidão de milhões de negros mundo afora. Como dizia Karl Marx, sem o algodão plantado e colhido por mãos negras, não haveria indústria têxtil na Europa. Mesmo após o fim da escravidão negra, a burguesia e todos os seus governos trataram de alimentar o racismo para dividir os trabalhadores e pagar salários menores para os negros.

Nesses 130 anos de abolição sem reparações, queremos enfatizar a necessidade das políticas de reparação como demandas democráticas. Nesse sentido, entendemos essas políticas como ações compensatórias que devem necessariamente ser utilizadas para promover a igualdade no acesso ao emprego, salário igual para trabalho igual, direito ao acesso e permanência na educação em todos os níveis, moradia digna, desmilitarização de guardas municipais e da Polícia Militar, titulação imediata de territórios quilombolas e indígenas, política de emprego e renda.

As políticas de reparação são necessárias da mesma forma que as políticas redistributivas para compensar os danos causados à população negra. São medidas urgentes, transitórias e superadas, pois a desigualdade faz parte da natureza do capitalismo.

Por isso, nós do PSTU fazemos do 13 de maio uma data para denunciar uma abolição que não acabou com o racismo nem com a desigualdade racial e social. Portanto, exigimos reparações históricas ao povo negro. Exigimos o fim do genocídio do povo negro e pobre! Exigimos moradia digna e trabalho digno! E como a burguesia jamais nos dará isso, fazemos um chamado, para os negros e negras, à revolução socialista!

SÃO PAULO

Chapa apoiada pela CSP-Conlutas disputa eleição de rodoviários

DA REDAÇÃO

Nos dias 28 e 29 de maio, ocorrem as eleições para o Sindicato dos Rodoviários de São Paulo, entidade que representa 50 mil trabalhadores. A CSP-Conlutas apoia a Chapa 3, "Renovação Com Lutas", uma chapa de oposição à atual direção, que vem ganhando cada vez mais apoio entre a categoria.

A principal conquista vendida pela atual direção do sindicato no último período foi um auxílio-funeral. Os trabalhadores ironizam que terão de esperar morrer para conseguir alguma coisa. Para piorar, a mísera PLR anual de R$ 1.300 simplesmente desapareceu.

O atual presidente do sindicato, conhecido como Noventa, é pré-candidato a deputado pelo Sergipe e dono de fazendas e de um haras. Não é difícil entender o desgaste da categoria com a direção, cujos integrantes atuam nas garagens não como representantes dos rodoviários, mas como verdadeiros capatazes, dedurando para a patronal os trabalhadores insatisfeitos.

Rodoviários durante o lançamento das Teses Programáticas em São Paulo. Evento teve a presença de Vera e Hertz

RENOVAÇÃO COM LUTAS

"O papel da Chapa 3 – Renovação Com Lutas – apoiado pela CSP-Conlutas é o de, justamente, devolver o sindicato aos trabalhadores, ligando também às lutas mais gerais da classe como a luta contra a reforma trabalhista", afirma Altino Prazeres, dirigente do sindicato dos metroviários e da central que apoia a campanha da chapa de oposição.

Grande parte da chapa participou da greve em 2014, organizada por baixo, contra a direção do sindicato. A partir de então, esses ativistas estreitaram cada vez mais sua relação com a CSP-Conlutas. "Eles se identificaram com o perfil da central e escolheram a CSP-Conlutas, apesar de não termos a grana das grandes centrais pelegas", resume Altino.

Enquanto fechávamos esta edição, a chapa preparava seu ato de lançamento com a expectativa de reunir cerca de mil trabalhadores entre motoristas, cobradores e pessoal da manutenção.

FLORIANÓPOLIS

Greve dos servidores completa um mês

Os trabalhadores do serviço público de Florianópolis (SC) estão numa greve heroica contra a política de privatizações do prefeito Gean Loureiro (MDB). A greve teve início no dia 12 de abril contra um Projeto de Lei da prefeitura que entrega os serviços públicos às Organizações Sociais (OS).

"Sabemos que as OS pioram a qualidade dos serviços públicos, além de piorarem a situação dos servidores, seja ACT, seja celetista", explica o servidor da saúde Diogo Pauletto. Diante da mobilização, o prefeito votou o projeto na Câmara em pleno feriado de 21 de abril, um sábado. Teve de lançar mão, ainda, de uma dura repressão, deixando vários feridos.

GREVE CONTINUA

Mesmo com a repressão, uma campanha sistemática do governo e da imprensa contra o movimento e, agora, o corte dos pontos dos grevistas, a greve continua. "Neste dia 8, na primeira assembleia após o corte dos pontos, reunimos 8 mil pessoas", relata Diogo.

"Estamos fazendo reuniões nos postos de saúde, nas escolas, como forma de ganhar a opinião pública e o apoio da população à nossa greve", diz o ativista. *"O PSTU defende que as creches e as UPA, assim como todos os serviços públicos, sejam públicos e gratuitos. A verba pública tem que ir para o serviço público e não para empresas privadas"*, completa.

FORTALEZA

Operários da construção civil na luta contra a reforma trabalhista

DEYVIS BARROS
DE FORTALEZA (CE)

A campanha salarial dos operários da construção civil de Fortaleza (CE) começou com os patrões apresentando uma pauta que retirava vários direitos. Querem impor a reforma trabalhista na categoria.

O olho gordo dos patrões é, principalmente, em cima da jornada de trabalho. Hoje, a categoria trabalha de segunda a sexta, e os patrões querem estender a jornada para o sábado, além de aplicar o banco de horas. Oferecem só R$ 2 de aumento na cesta básica, R$ 14 de reajuste para serventes e R$ 21 para profissionais. Uma mixaria.

Contudo, os operários já demonstraram que não vão aceitar calados. No dia 4 de maio, aconteceu a primeira manifestação. Trabalhadores de vários canteiros de obras da região da Aldeota, no coração da burguesia cearense, paralisaram o trabalho por duas horas e realizaram uma grande assembleia com mais de 1.500 pessoas. *"É assim que mandamos o nosso recado para os patrões, parando do canteiro e falando bem alto que não vai ter moleza"*, afirmou Magela, coordenador-geral do sindicato.

ELEIÇÃO SINDICAL

A campanha salarial está colada com a eleição para o sindicato que vai acontecer nos dias 16, 17 e 18 de maio. Três chapas disputam a eleição, mas só a chapa do Juntos e Misturados e da CSP-Conlutas está comprometida a fundo em manter a tradição de luta e de independência de classe que esse sindicato construiu ao longo dos últimos 30 anos.

ECONOMIA

O drama do desemprego

Aumenta o número de pessoas sem trabalho após a reforma trabalhista

DIEGO CRUZ
DA REDAÇÃO

João*, 42, trabalhava numa fábrica têxtil de Guarulhos, na Grande São Paulo. Depois de três anos de serviço, foi mandado embora em maio de 2017. Conseguiu um novo emprego no setor, mas foi novamente demitido há duas semanas. Vivendo de aluguel, com três filhos para criar e a esposa também desempregada, sente na pele não só a falta de emprego, mas a redução dos salários e a precarização cada vez maior.

"Nas entrevistas que estou indo agora, os salários são bem menores. O trampo que eu estava pagava R$ 2 mil, e agora é tudo trabalho com R$ 1.200, R$ 1.300 e sem nenhum benefício", diz, *"Esse último emprego já não tinha nada, era só salário e pronto"*. A esposa de João chegou em casa pouco antes de ele falar com o Opinião Socialista. Vinha de uma entrevista de emprego para telemarketing, mas não conseguiu a vaga.

"A gente está se virando fazendo bico. Às vezes a família ajuda, porque tem água, aluguel, luz pra pagar", resume a situação.

Pessoas procuram vagas de emprego em cartazes colados em postes no centro de São Paulo

DESEMPREGO EM NÚMEROS

DE DEZEMBRO DE 2017A MARÇO DE 2018	**+1,5 MILHÃO** DE DESEMPREGADOS
DE 2014 A 2017	**-4 MILHÕES** DE EMPREGOS COM CARTEIRA
COM A APROVAÇÃO DA REFORMA TRABALHISTA	**-305 MIL** VAGAS COM CARTEIRA

FONTE: IBGE

DESEMPREGO AUMENTA

João é um dos que engrossam a fila do desemprego, que aumentou no início deste ano. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o desemprego em março atingiu 13,1%, o que dá 13,7 milhões de pessoas sem trabalho nesse país. Em dezembro, era 11,8%. Nesses poucos meses, aumentou em mais de 1,4 milhão o número de desempregados. São trabalhadores como João e sua companheira, que não conseguem nem as vagas com salários menores.

Carteira assinada vai virando raridade. Só nos últimos 12 meses, foram fechadas 500 mil vagas com carteira. Desde 2014, em pleno governo Dilma, até agora, com Temer, sumiram 4 milhões de postos de trabalho com carteira.

* *Nome fictício*

CANALHAS

Bolsonaro e o PSDB de Alckmin votaram "sim" na reforma

Quando foi votada a reforma trabalhista, fizeram de forma atabalhoada, sem qualquer discussão. Na época, o relator da reforma, deputado Rogério Marinho (PSDB) até disse que era melhor assim. Agora, o povo vai percebendo o sentido dessa reforma: precarizar o trabalho e aumentar a exploração em benefício dos lucros das grandes empresas. E nada de emprego.

E sabe quem mais mentiu para o povo? Bolsonaro. Isso mesmo, ele e seu filho, o deputado Eduardo Bolsonaro, votaram a favor da reforma trabalhista. Eduardo chegou a fazer vídeo para o MBL, os playboys amigos de Eduardo Cunha, defendendo a reforma. Bolsonaro não é só um racista, machista e contra LGBTs. Ele também é contra o seu emprego e os seus direitos, e defende os grandes empresários.

ENGANA OUTRO

A mentira da reforma trabalhista

Quando o governo fazia propaganda da reforma trabalhista, dizia que seriam criados não milhares, mas milhões de empregos formais. O então ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, disse que a medida tiraria 45 milhões de trabalhadores da informalidade.

E o que aconteceu? Não só o desemprego aumentou, como também a informalidade. Desde novembro, 305 mil postos com carteira assinada foram fechados. Só apareceram vagas com carteira naquela faixa de remuneração de até dois salários mínimos, como os empregos com os quais João se depara agora. No Norte e no Nordeste, a situação é bem pior, com empregos de até um salário mínimo.

PROGRAMA

Desemprego rima com capitalismo

O desemprego faz parte do sistema capitalista. Quando tem crise, ele aumenta. É uma forma de a burguesia explorar ainda mais os trabalhadores, reduzir salários e direitos e, assim, manter e aumentar seus lucros.

Na fábrica de João, por exemplo, ao mesmo tempo em que demitem e cortam direitos, fazem os outros operários trabalharem ainda mais. *"Os caras com mais tempo de casa dizem que a empresa nunca produziu tanto como agora, estão todos sem folgar há três ou quatro meses"*, relata.

Percebeu como é perverso o capitalismo? Nem mesmo o "direito" de ser explorado e produzir as riquezas para o patrão em troca de um mísero salário para sobreviver ele garante. Hoje, nas grandes cidades, é comum os trabalhadores terem de optar entre o almoço e a janta. Enquanto isso, o patrão passa as férias na Europa.

Para acabar com o desemprego, é preciso inverter essa lógica. É preciso revogar imediatamente a reforma trabalhista. Reduzir a jornada de trabalho sem reduzir os salários. Proibir as demissões e estatizar as empresas que insistirem em demitir, sem pagar nada aos donos. Pegar todo esse dinheiro que vai para os banqueiros via a dívida pública e fazer um grande plano de obras públicas, empregando quem precisa de trabalho e resolvendo problemas como a moradia e o saneamento.

MORADIA

Não foi acidente: foi um crime d

DA REDAÇÃO

O incêndio e o desabamento do prédio ocupado por sem-teto no centro de São Paulo foram um crime, não um acidente. O Edifício Wilton Paes de Almeida desabou depois de ser tomado pelo fogo na madrugada de 1º de maio. A cena de Ricardo, o Tatuagem, desaparecendo em meio à fumaça e às labaredas chocou o país. Pelo menos sete pessoas continuam desaparecidas, entre elas duas crianças de 9 anos.

O corrupto Temer tentou tirar proveito da situação. Chegou a ir até o local, mas foi escorraçado pelos moradores e teve de fugir. O prédio era da União, mas o governo federal nunca fez nada para solucionar o drama daquelas famílias.

Os governos e a imprensa, como sempre, utilizaram o caso para criminalizar os sem-teto, invertendo os papéis e fazendo das vítimas os criminosos. *"O que temos que fazer é convencer as pessoas a não morar desse jeito"*, afirmou o atual governador de São Paulo, Márcio França (PSB). Como se morar numa ocupação fosse uma escolha e não uma necessidade do trabalhador pobre.

O ex-prefeito da cidade, João Doria (PSDB), foi ainda mais longe. Disse que o prédio foi *"invadido por uma facção criminosa"*. Só para lembrar, Doria invadiu um terreno de 400 metros quadrados em Campos de Jordão (SP) para construir uma mansão.

O que os governos e a mídia tentam, agora, é criminalizar os movimentos sociais, o que não se pode permitir. Querem culpar os moradores e os movimentos de luta por moradia para acobertar o fato de estarem com o rabo preso com a especulação imobiliária.

"Não era bagunça igual tão falando. Cada um tinha sua organização normal. Tudo que tem numa casa normal tinha lá também", explicou ao Opinião Socialista Sérgio Antônio, um dos moradores do prédio, agora desabrigado. Sergio foi acordado por uma vizinha às 2h30 da manhã, quando o incêndio chegou ao seu andar. Momentos depois, ele perdeu tudo o tinha. "O que deu pra salvar foi a carteira, o celular e os documentos. É o que eu tenho. O resto é doação das pessoas", conta.

Incêncio no edifício Wilton Paes na madrugada de 1º de Maio

O prédio tinha 26 andares e veio à baixo após uma hora de incêncio

Desabrigados acampam no Largo do Paissandu, em frente ao local onde ficava o edifício Wilton Paes

PSDB, PMDB, PT E PSB SÃO OS CULPADOS

O drama das famílias sem moradia é uma das expressões mais bárbaras da crise e da guerra social contra os pobres. Os governos de Alckmin e Doria, do PSDB, nunca resolveram o problema da moradia porque estão atreladas às grandes construtoras e à especulação imobiliária. Na capital paulista, existem 1.385 imóveis vazios. A maioria dos edifícios totalmente desocupados no centro da cidade está nas mãos de grandes construtoras.

Além disso, as moradias precárias totalizam hoje 1,2 milhão de casas, consideradas sem condições de estrutura e de segurança para abrigar as famílias. Porém, com a verba atual para a construção de moradias, demoraria 120 anos para resolver o problema. O PT quando esteve à frente da prefeitura com Fernando Haddad (PT) também não fez nada para solucionar o problema.

"Eles roubam mensalão e não sei o que lá, mas eles não tão vendo o povo. Para eles, nós somos um número e nada mais, que só vale na hora do voto. A culpa é do governo. Eles pensam no bolso deles, no bem-estar deles, mas não o do povo", diz Antônio.

Ele está certo. Se há um lugar ocupado pelos representantes da especulação imobiliária e das construtoras (essas facções criminosas do PMDB, PT, PSDB e PSB) são os palácios do poder, tanto a prefeitura quanto o governo do Estado, o Congresso e o Planalto. Essas quadrilhas, que mantêm e perpetuam o déficit habitacional, são as verdadeiras responsáveis pela tragédia.

dos governos e do capitalismo

NO CAPITALISMO É ASSIM

Mais imóveis vazios do que gente sem casa para morar

O desabamento do edifício expôs a crueldade do problema da moradia no Brasil. Atualmente, faltam mais de 7,7 milhões de moradias no país segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) feita pelo IBGE em 2015. Esse número só vem crescendo, como mostra o gráfico ao lado. Fato que comprova a total ineficácia dos programas habitacionais dos governos e do programa "Minha Casa, Minha Vida", carro chefe dos governos de Lula e de Dilma (leia ao lado).

É óbvio que os trabalhadores pobres, particularmente os negros e as mulheres, são os mais afetados. Segundo a pesquisa, 91% das famílias que não têm onde morar recebem de 0 a 3 salários mínimos. O lado mais perverso dessa história é que o Brasil tem 7,9 milhões de imóveis vazios segundo o IBGE.

Portanto, a falta de moradias poderia ser solucionada, em parte, por meio da ocupação desses imóveis vazios, não é verdade? Mas não é assim que funciona o capitalismo. Os trabalhadores são vítimas da chamada especulação imobiliária. É quando o imóvel urbano não é utilizado para fins habitacionais, mas apenas como reserva de valor. É desse jeito que muitos capitalistas ganham dinheiro.

As grandes empreiteiras, por exemplo, compram edifícios e terrenos e os mantêm vazios na expectativa de que seu preço aumente no futuro. Ao mesmo tempo, interferem no planejamento urbano da cidade, financiando as campanhas de prefeitos e vereadores corruptos que aprovam leis que defendem os interesses das construtoras. Assim, um imóvel vazio de uma determinada empreiteira poderá se valorizar caso a prefeitura e os vereadores do município decidam construir um shopping, um metrô ou um parque próximo a ele. Nesse caso, o especulador vai ganhar com a valorização decorrente das medidas adotadas pelo município. Por isso, não seria nenhuma surpresa se, no lugar do edifício que desabou, fosse construído, em breve, um novo empreendimento imobiliário.

Os governos também agem em prol da especulação imobiliária quando removem favelas e comunidades. Em 2017, só em São Paulo, pelo menos 5.500 famílias foram removidas por reintegração de posse, enquanto outras 20 mil famílias estão ameaçadas por reintegrações. Há também os mais que suspeitos incêndios em favelas, que expulsam moradores pobres e valorizam os terrenos para novos empreendimentos imobiliários.

O capitalismo é assim. Não há políticas habitacionais que resolvam o problema da moradia porque isso afeta a lucro das grandes construtoras. É por isso que existem mais imóveis vazios do que gente sem lugar para morar. Como afirma o movimento Luta Popular, da CSP-Conlutas, *"é um crime que não existam políticas habitacionais que realmente tratem a moradia como um direito, é um crime que a moradia seja tratada como uma mercadoria para quem comprar"*.

Tudo isso se agrava diante da exploração e do desemprego provocados pelo sistema, especialmente depois da crise. Atualmente, mais de 77 milhões de brasileiros estão no desemprego ou no subemprego, e 44,5 milhões dos que trabalham recebem menos que um salário mínimo. Por isso, a maioria dos trabalhadores, que sequer consegue pagar os alugueis, é empurrada para as periferias e favelas das cidades. Se morar é um privilégio, ocupar é um direito!

MINHA CASA, MINHA VIDA

Para empreiteiro ver

O programa "Minha Casa, Minha Vida" não solucionou o problema da moradia, cujo déficit inclusive cresceu. Apenas transferiu mais dinheiro público para as grandes empreiteiras. Contou com 97% de subsídios públicos (entre recursos da União e do FGTS). Para lucrar ainda mais, muitos apartamentos e casas foram construídos pelas construtoras com materiais de baixa qualidade e mais baratos.

Dessa forma, as construtoras ganharam duas vezes nos governos do PT: continuavam com a especulação imobiliária nas cidades e recebiam dinheiro público para construir novas moradias de baixa qualidade.

Enquanto isso, o déficit de moradia aumentou. Se em 2011, dois anos após a criação do programa, faltavam 6,8 milhões de moradias, em 2015, esse número chegou a 7,7 milhões.

Mesmo assim, o "Minha Casa, Minha Vida" é reivindicado pelo MTST e seu líder, Guilherme Boulos, que defendem a ampliação do programa. Contudo, um programa que mantenha a produção capitalista da moradia, no qual casas são produzidas para aumentar o lucro das construtoras, nunca resolverá o problema.

O caminho é outro. Passa pela expropriação dos imóveis vazios e pela estatização das grandes construtoras e das empreiteiras sob controle dos trabalhadores.

COMO É QUE SE RESOLVE?

Suspender o pagamento da dívida e acabar com a especulação

A primeira coisa que o trabalhador precisa ter em mente é que o problema da moradia não se resume à falta de recursos. O Brasil tem mais imóveis vazios do que gente sem casa. Por isso, os imóveis que servem hoje à especulação imobiliária devem ser tomados sem indenização.

Entretanto, a solução passa também por um plano de obras públicas que garanta o direito à moradia digna para todos. Recursos para isso há, basta romper com a dívida pública que desvia quase metade do orçamento da União para os banqueiros. Segundo a Auditoria Cidadã da Dívida, quase 40% do orçamento de 2017 foi para o pagamento da dívida. Isso dá, em valores, algo como R$ 1 trilhão. Você consegue imaginar o que daria para fazer com esse dinheiro que os grandes banqueiros embolsam todos os anos? Daria para construir 6,6 milhões de unidades populares, o que acabaria com o déficit e ainda sobrariam 300 mil casas.

Portanto, um programa para zerar o déficit habitacional precisa atacar os banqueiros e as grandes empresas, acabando com as isenções e fechando a torneira da dívida pública. Para isso, é preciso fazer uma rebelião e botar para fora Temer, o Congresso e todos eles, junto com os banqueiros e as empreiteiras.

MARX, O MILITANTE

Uma vida a serviço da classe operária

Em 5 de maio, completou-se 200 anos do nascimento de Karl Marx. Para homenageá-lo, o Opinião Socialista vai publicar uma série de dez artigos sobre o revolucionário alemão. Nosso objetivo é popularizar seu pensamento e sua obra, especialmente entre os operários e os trabalhadores pobres. Nesse primeiro artigo, apresentamos um pouco de sua história e da sua relação com a classe operária.

GUSTAVO MACHADO
DE BELO HORIZONTE (MG)

Nos dias de hoje, Marx é retratado na maior parte dos livros, artigos e documentários como um intelectual que procurava lhe dar lições unicamente alcançadas em função de sua mente brilhante. Alguns aspectos de seu pensamento são estudados nos cursos universitários, e seu nome está sempre presente na literatura que trata de temas específicos de ciências humanas: História, Economia, Sociologia e assim por diante. Há 200 anos de seu nascimento, nos meios políticos tradicionais, nas universidades e na mídia, muitos se levantam para saudá-lo ou criticá-lo.

Se por algum motivo, alguém que vivesse há 100 anos fizesse uma viagem no tempo até os nossos dias, certamente ficaria espantado com o tamanho da audiência dada a Marx nesses meios. No início do século 20, muitos anos após a sua morte, seu pensamento não era estudado nas universidades e foi pouco abordado por economistas e filósofos. Quase toda a audiência de Marx se encontrava no interior das organizações operárias e socialistas europeias, principalmenteno no Partido Social-democrata da Alemanha e nos demais partidos da Internacional Socialista. Seu nome já era bastante conhecido, mas era associado ao movimento operário socialista e radical. Sua teoria era pouco estudada fora desses meios.

Foram dois momentos que fizeram de Marx um nome reconhecido e famoso. Curiosamente, não foi a publicação de sua grande obra, O Capital, nem de qualquer outra elaboração sua, mas foram duas revoluções. A primeira delas foi a Comuna de Paris, em 1871. Nesse momento, Marx estava na Inglaterra, mas boa parte do mundo associou seu nome ao levante francês. Isso não foi por acaso. De fato, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), também conhecida como a I Internacional, cumpriu um papel importante na Comuna. Desde o início, ela foi organizada e estimulada por Marx. Foi a ele que a AIT encomendou uma declaração sobre a Comuna, publicada com o título de A Guerra Civil na França. Esse foi o primeiro texto de Marx com grande repercussão, vendendo mais de 18 mil cópias em três meses. O segundo momento que elevou o nome de Marx no cenário internacional foi a Revolução Russa de 1917. Só então seu nome passou a figurar em todos os meios.

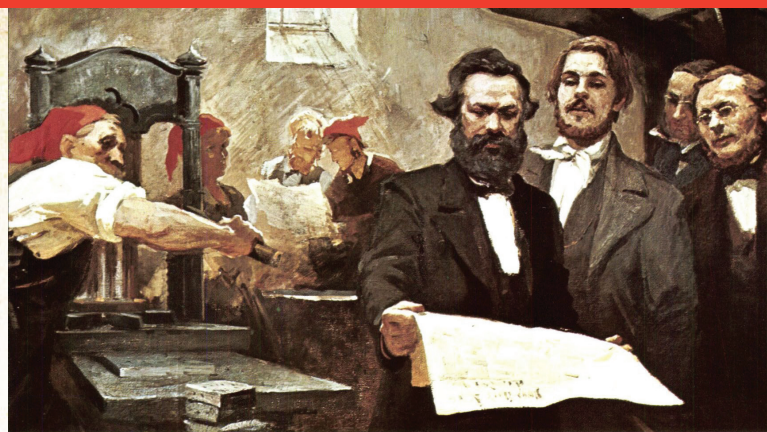
Marx discursando na Liga dos Comunistas

Primeiros escritos

Nascido em 1818 numa família de classe média e filho de um advogado empregado pela burocracia estatal do que hoje é a Alemanha, Marx ingressou no sistema universitário alemão e chegou a estudar em sua principal universidade, a Universidade de Berlim. Foi lá que, anos antes, Hegel, um dos mais brilhantes filósofos alemães, lecionara. Marx defendeu uma tese de doutorado sobre os filósofos materialistas gregos e aspirou uma carreira acadêmica, o que se mostrou impossível com a repressão que se abateu em seu país a partir de 1842. Desde então, ele ingressou no que veio a ser sua atividade profissional no curso de toda vida: o jornalismo. Essa atividade mudou para sempre seu destino.

A partir de então, Marx entrou em contato com a insurreição dos tecelões da Silésia, com o movimento operário francês, bem como com os movimentos comunistas alemão e de Paris. Baseado nessas experiências e em muitas outras do passado, Marx rompeu com sua concepção anterior, democrática de esquerda, passando a defender a vinculação entre o movimento comunista e a classe operária. Em sua concepção, o socialismo não viria de fora, produto de uma elaboração feita de antemão por um reformador genial, mas, ao contrário, só poderia ser realizado estando vinculado com o produto mais genuíno da sociedade capitalista em desenvolvimento: o proletariado. Como diria na época, "a teoria se torna força material quando se apodera das massas". Desde então, toda a atividade de Marx esteve orientada para a organização da classe operária, não apenas sua atividade intelectual, mas também suas relações pessoais e sua atividade prática e organizativa.

ESCRITOS

Um de seus primeiros textos sobre o funcionamento da sociedade capitalista, Trabalho Assalariado e Capital, foi uma série de conferências apresentadas na Associação dos Operários Alemães de Bruxelas. Pouco tempo depois, Marx consumiria boa parte de seu patrimônio financiando o jornal Nova Gazeta Renana durante as jornadas revolucionárias de 1848-49. Esse jornal chegou a ser um dos de maior circulação durante o período revolucionário até a sua proibição e a expulsão de Marx da cidade alemã de Colônia. A sede do jornal era uma espécie de quartel armado. "Nossa redação", disse Engels mais tarde, "dispunha de oito fuzis com baioneta e 250 cartuchos", sendo "considerada pelos oficiais como uma fortaleza que não poderiam conquistar com um simples golpe de mão".

Marx no Gazeta Renana, primeiro jornal em que trabalhou, como editor chefe. O jornal foi fechado pelo governo e anos mais tarde foi fundado o Nova Gazeta Renana, que chegou a ser o jornal de maior circulação durante o período revolucionário de 1848 e 49. A sede do jornal era uma espécie de quartel armado com fuzis com baioneta e cartuchos

Colaboradores operários

Entre os colaboradores de Marx, tanto nas organizações quanto nos jornais, encontramos vários operários cujos laços ele cultivou no curso de toda sua vida. Alguns exemplos são o relojoeiro Joseph Moll, o tipógrafo Karl Schapper, o sapateiro Heinrich Bauer, o alfaiate Jonh Eccarius dentre muitos outros. Longe de uma relação distante e passiva, esses ativistas foram colaboradores políticos e amigos pessoais de Marx por décadas.

Marx conversando com trabalhadores

São deles vários artigos escritos na Nova Gazeta Renana, bem como documentos e manifestos publicados nos anos que se seguiram. Seria com eles que Marx compartilharia sua vida. Para mencionar apenas um episódio, em fins de 1850, Marx empenhou o último casaco de sua esposa Jenny, o único ainda não empenhado em toda sua casa naqueles dias, para pagar o tratamento de uma doença de Eccarius, operário membro da AIT e da Liga dos Comunistas.

Dentre os intelectuais e profissionais liberais que colaboraram continuamente com Marx, todos eles voltaram suas atividades e dedicaram a maior parte de suas vidas ao trabalho nas associações operárias e ao vínculo com seus movimentos e lutas que a cada dia desenrolavam. Foram, ainda, em sua enorme maioria, provados nos processos revolucionários europeus de 1848.

Um caso exemplar é Wilhelm Wolff, filho de agricultores e professor particular de matemática. Foi Wolff quem divulgou em todos estados alemães a repressão e o significado da insurreição dos tecelões da Silésia, primeiro levante operário com o qual Marx entrara diretamente em contato. Ele liderou milícias na revolução europeia de 1848 e se ligou, posteriormente, a inúmeros ativistas da classe operária inglesa. Não sem razão, O Capital, que Marx dedicara toda sua vida a escrever, inicia-se com as seguintes palavras: "Dedicado ao meu inesquecível amigo, o corajoso, leal e nobre vanguardeiro do proletariado: Wilhelm Wolff."

ENTRE OS OPERÁRIOS

"A libertação da classe operária tem de ser obra da própria classe"

Não foi por acaso que ao mesmo tempo em que o nome de Marx desaparecia nos círculos intelectuais europeus, aflorava cada vez mais nos círculos e nas organizações operárias. Essa opção, evidentemente, teve seu preço. Marx perdeu sua cidadania e foi expulso junto com sua família de um país para o outro: Bélgica, Colônia, França (por duas vezes) até que, por fim, passou o resto de sua vida na Inglaterra.

Sobreviveu, quase sempre, em situação de absoluta miséria, sendo socorrido várias vezes pelo amigo e colaborador Friedrich Engels. Num episódio particularmente marcante, com todos os casacos empenhados, Marx e sua família organizavam festivais de dança domésticos para aliviar o frio.

Não faltaram tentativas de cooptação. Seu gênio era conhecido nos altos círculos alemães. Chegou a ser sondado para uma possível colaboração com o governo ditatorial de Otto Von Bismarck na recém unificada Alemanha. Bismarck queria "pôr seus grandes talentos a serviço do povo alemão". Marx não apenas negou todas investidas como as denunciou publicamente.

Toda a vida de Marx, portanto, esteve orientada para a organização da classe operária como o coração da luta contra o modo de produção capitalista. Tendo em vista esse objetivo, sua obra foi escrita e suas metas imediatas realizadas ou derrotadas. Não sem razão, frustrada com a recepção inicial de O Capital, sua esposa e colaboradora militante Jenny Marx, escreveu: "Se os operários tivessem noção do sacrifício que foi necessário para completar esta obra, escrita apenas para eles e em seu interesse, eles talvez mostrassem um pouco mais de atenção". Anos depois, o próprio Marx declarava: "a acolhida que O capital rapidamente obteve em amplos círculos da classe trabalhadora alemã é a melhor recompensa de meu trabalho."

Como se vê, Marx não apenas desenvolveu toda sua obra para e no interesse histórico da classe operária, como se vinculou organicamente a ela. Não foi por acaso que seu nome se tornou universalmente conhecido a partir dos desdobramentos da luta de classes e, com maior repercussão, da Comuna de Paris e da Revolução Russa. Ainda que, nos dias de hoje, muitos queiram domesticar o seu nome e sua obra no interior de aparatos institucionais oficiais – políticos e acadêmicos –, ele estará sempre ligado à luta revolucionária do proletariado pela sua libertação.

Nas palavra do próprio Marx, num dos últimos combates no interior da social-democracia alemã: "a libertação da classe operária tem de ser obra da própria classe operária. Não podemos, portanto, marchar junto com pessoas que abertamente afirmam que os operários são demasiado incultos para se libertarem a si próprios e que só a partir de cima têm de ser libertados, por grandes e pequenos burgueses benfeitores."

MAIO DE 1968

Os 50 anos da onda revolucio

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)

Há cinquenta anos, ocorriam as mobilizações do Maio de 1968 na França. Não chegou a ser uma revolução, mas gerou repercussões revolucionárias que até hoje são discutidas e estudadas. Por que os acontecimentos do Maio Francês foram tão importantes?

PROTESTOS ESTUDANTIS QUE SE TRANSFORMARAM...

Em 22 de abril, 1.500 estudantes protestaram em Nanterre, um subúrbio de Paris, contra a prisão de vários deles que participavam de um comitê contra a Guerra do Vietnã. Uma semana depois, a Faculdade de Nanterre foi fechada, e grupos de ultradireita atacaram os estudantes.

No dia 3 de maio, oito estudantes implicados nos protestos foram chamados a prestar declarações. Foram acompanhados por uma manifestação na Praça da Sorbonne, a famosa Universidade de Paris. A polícia reprimiu a manifestação e, diante dessa situação, a União Nacional de Estudantes da França (UNEF) e o sindicato dos professores chamaram uma greve exigindo a retirada da polícia, a reabertura da universidade e a libertação dos estudantes presos.

Entre os dias 6 e 10 de maio, aconteceram manifestações que foram violentamente reprimidas pela polícia. Houve enfrentamentos entre estudantes e policiais e levantamento de barricadas no Quartier Latin (bairro latino onde fica a Sorbonne e vivem milhares de estudantes).

A noite de 10 de maio ficou conhecida como "a noite das barricadas", levantadas por dezenas de milhares de estudantes. A polícia dissolveu as barricadas pela força e passou a usar blindados para patrulhar Paris. No entanto, a violência da polícia provocou um sentimento de solidariedade na sociedade francesa: 61% dos franceses simpatizavam com os estudantes naquele momento.

... EM UMA GREVE GERAL

Diante desses acontecimentos, foi convocada uma greve geral para o dia 13 de maio. Nove milhões de trabalhadores aderiram. Foi a maior greve da França até hoje. A manifestação desse dia reuniu 200 mil pessoas. Depois da marcha, os estudantes ocuparam a Sorbonne.

No dia seguinte, os trabalhadores ocuparam as fábricas da Sud Aviation, em Nantes, e da Renault. Pouco a pouco, a greve se estendeu, paralisando a maior parte da indústria. Nos dias seguintes, aderiram à greve controladores aéreos, mineiros de carvão, trabalhadores do transporte, gás, eletricidade e jornalistas de rádio e televisão.

O movimento estudantil procurou criar uma união com os trabalhadores. Milhares marcharam para se encontrar com os operários que ocupavam a Renault. Ambas concentrações cantavam juntas "A Internacional", mas os sindicatos não permitiram que os portões da fábrica se abrissem e que os dois movimentos se juntassem.

A ocupação de fábricas colocou a questão do poder operário e questionou a autoridade do Estado. Diante da situação, o ministro Georges Pompidou aceitou abrir negociação entre governo, patrões e representantes dos operários, principalmente a CGT, central sindical dirigida pelo Partido Comunista Francês (PCF).

Em 27 de maio, a CGT firmou os Acordos de Grenelle, em que governo e patrões aceitaram um aumento de 35% do salário mínimo industrial e de 12%, em média, para todos os trabalhadores. A maior parte dos trabalhadores rejeitou o acordo e continuou em greve. Queriam a queda do governo.

Porém a traição do Partido Comunista Francês já estava consumada. As greves, abandonadas pela CGT, foram ficando isoladas e sendo reprimidas pela intervenção policial ou terminaram com acordos parciais. O presidente De Gaulle convocou eleições para o dia 30 de maio.

nária que sacudiu a França

1968 PELO MUNDO

Levantes e protestos em todo o mundo

O Maio Francês foi o estopim ou se combinou com vários levantes revolucionários em todo o mundo. Foi, sem dúvida, influenciado pelos movimentos contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos. Muitos setores do movimento estudantil de 1968, assim como os professores, também foram influenciados ideologicamente pela Revolução Cultural chinesa.

O Maio de 68 foi a primeira grande mobilização revolucionária de massas na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial. Por isso, foi exemplo para as lutas dos trabalhadores da Itália no verão de 1969 e nas lutas da classe operária inglesa do começo dos anos 1970. Também inspirou ou fortaleceu o movimento estudantil em vários países latino-americanos, principalmente as mobilizações contra a ditadura no Brasil e as mobilizações estudantis no México, que terminaram no Massacre da Praça Tlatelolco.

Em 1968, também ocorreu a Primavera de Praga, movimento que buscava humanizar o regime stalinista na Tchecoslováquia e que foi afogado em sangue pela invasão dos tanques do exército soviético.

Apenas seis ou sete anos depois, ocorreriam a Revolução Portuguesa (1974) e a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1975), a primeira derrota militar do imperialismo.

Essa situação revolucionária mundial se explica por múltiplos fatores. O primeiro foi o fim do *boom* econômico do pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente a recuperação econômica da Europa com o Plano Marshall. Acabava o período dos chamados "30 anos gloriosos", e o mundo entrava numa crise econômica que, em breve, resultaria na crise do petróleo (1973).

Protestos na Tchecoslováquia, durante a Primavera de Praga

Outro elemento foi a revolução nos países coloniais e semicoloniais como China, Indochina, Cuba, Argélia, vários países da África e Vietnã, que havia derrotado os países imperialistas, enfraquecendo sua dominação. Por último, mas não menos importante, expressava também a crise do aparato stalinista mundial que já tinha enfrentado processos de revolução política na Alemanha Oriental (1953), na Polônia (1956) e na Hungria (1956).

No entanto, o processo aberto em maio de 1968, apesar de sua força renovadora e da repercussão internacional, não conseguiu avançar até um processo revolucionário mundial que pusesse em cheque o poder da burguesia imperialista no mundo. No decorrer das décadas de 1980 e 1990, o imperialismo conseguiu controlar a Revolução Portuguesa, o processo revolucionário na América Central e em outros países. Por quê?

DERROTAS E A CRISE DE DIREÇÃO

Em primeiro lugar, todas as revoluções acima foram derrotadas. As revoluções políticas no Leste Europeu (Alemanha Oriental, Polônia, Hungria e Tchecoslováquia) foram esmagadas pela União Soviética (URSS). A maioria das revoluções em países semicoloniais terminou reconduzindo-os à condição de semicolônias de antigas ou novas metrópoles.

O processo de derrota da revolução política, combinado com a crise econômica dos estados operários burocratizados, os mal-chamados países do socialismo real, terminou com a decisão da burocracia stalinista de restaurar o capitalismo na China (a partir de 1978) e na URSS (a partir de 1985 no governo de Gorbachev). A restauração sem dúvida deu um novo fôlego ao imperialismo.

O que levou a essas derrotas foi, em primeiro lugar, a traição dos Partidos Comunistas nos processos revolucionários, como foi o caso evidente do Maio Francês, ou a ação contrarrevolucionária do stalinismo nos países que governavam, como foi o caso da invasão da Tchecoslováquia e da Hungria. Outros aparatos burocráticos também colaboraram para essas derrotas, mas o stalinismo foi o principal. A outra cara da moeda foi a ausência de uma direção revolucionária.

O DRAMA DE 68

A falta de um partido revolucionário

O movimento estudantil que brotou no Maio de 68 na França questionou amplamente o PCF, refletindo, nesse sentido, a crescente consciência sobre o papel traidor do stalinismo. Infelizmente, a maior parte do movimento estudantil foi ganha para novos aparatos burocráticos, como o maoísmo, que depois revelaram seu caráter oportunista. Outro setor foi atraído por posições anarquistas e espontaneístas, que no final foram impotentes para enfrentar o stalinismo.

Esse processo tão rico de mobilizações operárias e estudantis e tão fértil de lutas e debates políticos decisivos, mostrou essa enorme contradição: o drama da ausência ou da extrema debilidade de um partido revolucionário que pudesse dirigir a revolução enfrentando o stalinismo no interior do movimento operário e derrotando sua política oportunista.

Se a ausência de uma direção revolucionária nacional e internacional é, em geral, uma das características centrais da luta de classes em nossa época, essa mesma ausência quando, numa situação revolucionária concreta como a de Maio de 68, mostra toda sua intensidade e urgência.

Relembrar essa data, portanto, não deve ter um caráter festivo ou superficial. Deve servir para extrair as lições para fortalecer a luta estratégica do movimento operário, principalmente a luta pela construção de partidos revolucionários que sejam parte de uma Internacional e que lutem pela revolução socialista mundial.

PALESTINA

70 anos da catástrofe palestina

SORAYA MISLEH
DE SÃO PAULO (SP)

No dia 15 de maio, completam-se 70 anos da Nakba, a catástrofe que representou a criação do Estado de Israel em terras palestinas por meio de uma limpeza étnica planejada. Como resultado, 800 mil árabes não judeus foram expulsos violentamente de suas terras, e cerca de 500 aldeias foram destruídas. Por ocasião da data, os palestinos dão belíssima demonstração ao mundo de sua resistência heroica.

A partir de Gaza, realizam, desde 30 de março, o Dia da Terra para os palestinos, a Grande Marcha do Retorno. A ação é símbolo de sua resistência heroica e reivindicação fundamental por justiça: o retorno dos refugiados às terras de onde foram e continuam a ser expulsos.

Gaza tem 80% de sua população formada por refugiados oriundos da Nakba. A repressão à Grande Marcha do Retorno tem sido violenta: em seis semanas, são cerca de 50 mortos e 7 mil feridos pelo Estado de Israel. A resistência, porém, dá um exemplo ao mundo: como faz há 70 anos, não se curva. Para os palestinos, é a garantia de sua própria existência.

Famílias Palestinas obrigadas a deixar suas terras e aldeias em 1948

COMO TUDO COMEÇOU

70 anos de limpeza étnica

A limpeza étnica que deu início à criação do Estado de Israel em 78% da Palestina, em 1948, é a tentativa de apagar essa existência. O movimento sionista sabia que a única forma de alcançar seu objetivo colonial de criar Israel como um Estado judeu homogêneo seria a expulsão forçada e violenta dos árabes, que eram maioria na Palestina. Assim, começou a executar seus planos de limpeza étnica dias após a recomendação da Assembleia Geral das Nações Unidas, presidida pelo brasileiro Osvaldo Aranha, em 29 de novembro de 1947, de partilha da Palestina em um estado judeu e um árabe.

Como parte da limpeza étnica, ocorreram, ainda, 31 massacres em aldeias. Isso foi usado como propaganda para a expulsão nos demais vilarejos. O mais conhecido deles foi em 9 de abril de 1948, na aldeia de Deir Yassin, na região de Jerusalém. Ali, os sionistas assassinaram homens, mulheres, crianças, jovens e idosos com requintes de crueldade.

As consequências da Nakba seguem até os dias atuais. Em 1967, Israel ocupou militarmente os 22% restantes da Palestina. Ou seja, Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Em Gaza, os 2 milhões de habitantes estão submetidos a 11 anos de cerco israelense desumano e bombardeios frequentes. É como uma prisão a céu aberto.

Na Cisjordânia, há um muro de segregação e centenas de checkpoints israelenses, além de 600 mil colonatos sionistas. Os palestinos vivem uma situação de apartheid. Os 1,5 milhão de palestinos que vivem nos territórios de 1948, onde o Estado de Israel constituiu-se à força há 70 anos, estão submetidos a 60 leis racistas. Compõem essa sociedade fragmentada desde 1948, ainda, 5 milhões de refugiados em campos nos países árabes e milhares são impedidos de retornar as suas terras por Israel.

AGENDA

São Paulo vai ter **ato público** para lembrar a Nakba, no dia **15 de maio, às 18h**, em frente à Fiesp (Av. Paulista, 1.313)

SOLUÇÃO

Por um Estado palestino único, laico, livre, democrático, com direitos iguais para todos

Uma solução justa para a questão palestina deve contemplar a totalidade do povo palestino. A proposta de dois estados, defendida pela maioria da esquerda mundial e por centenas de governos mundo afora, não garante isso. Nessa proposta, injusta e inviabilizada pela expansão colonial sionista, a Palestina seria criada em menos de 20% do seu território ao lado de Israel.

Os refugiados são os primeiros a terem seus direitos rifados nessa dita solução, que é objeto das chamadas negociações de paz. Negociações que nunca foram o caminho para uma Palestina livre, pelo contrário. É o que demonstram os Acordos de Oslo, intermediados pelos Estados Unidos. Firmados em 1993 entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), mantêm a maioria da Cisjordânia sob controle israelense. Mesmo nos menos de 20% que estão sob administração da então criada Autoridade Palestina (AP), essa não tem nenhuma autonomia, a dependência econômica de Israel é integral. A AP ainda tem convênio de cooperação de segurança com o Estado sionista – o que a torna gerente da ocupação. O resultado tem sido a expansão da colonização.

A única solução justa é a derrota do projeto sionista, que significa o fim do Estado racista de Israel. Ou seja, a criação de um Estado único palestino, laico, livre, democrático, com direitos iguais a todos e todas que queiram viver em paz com os palestinos. Isso virá da resistência heroica dos palestinos apoiada na solidariedade internacional.

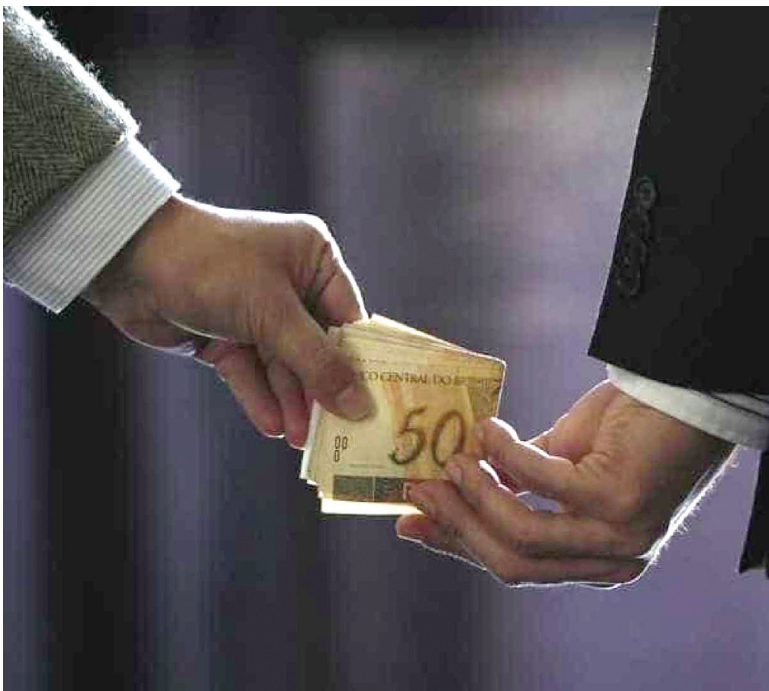
Os inimigos são poderosos, mas a resistência, sob todas as formas, é transmitida de geração a geração. Uma resistência que segue a inspirar a luta contra a opressão e a exploração em todo o mundo. Ao lançamento de cada pedra de quem sabe o que quer, está o futuro: a vitória contra os tanques.

MOLEZA PARA OS RICOS

Bolsa-empresário é maior que gastos sociais

Em 2019, o governo brasileiro, seja qual for, deixará de arrecadar nada menos que R$ 303,4 bilhões em isenções fiscais, principalmente de grandes empresas e fazendeiros da agroindústria. É isso o que prevê a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) enviada ao Congresso Nacional em abril. O levantamento foi realizado pela ONG Contas Abertas.

Os maiores beneficiários dessa política são a agroindústria e a indústria automobilística. Apesar da crise, os cortes sociais e a tão propalada necessidade de reforma da Previdência, as isenções no ano que vem serão maiores que as concedidas este ano, de R$ 284,4 bilhões. E a estimativa é de que crescerão ainda mais, chegando a R$ 325 bilhões em 2020.

Só para se ter uma ideia, o que as empresas deixarão de pagar no ano que vem é quase três vezes o que foi destinado a investimentos públicos para este ano: R$ 112,9 bilhões. É quase o total gasto com funcionalismo público: R$ 322,8 bilhões, setor tão achincalhado pelo governo e por representantes do sistema financeiro. Também é muito maior que o valor reservado à saúde e à educação em 2018: R$ 239 bilhões (R$ 109 bilhões para a educação e R$ 130 bilhões para a saúde).

AU-AU

O cachorro do Temer

Uma servidora do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) foi afastada de suas funções no final de abril. A imperdoável falta da servidora: ter se recusado a pular no lago Paranoá, em Brasília, para resgatar o cachorro de Marcela Temer, esposa do presidente.

Sim, é isso mesmo que você leu. Parece piada, mas a história aconteceu na capital federal. Marcela passeava com o bichinho, que decidiu se refrescar no lago. Desesperada, Marcela teria pulado na água para tirar o cãozinho de lá. Ela ainda se irritou com o fato de a servidora ter se recusado a tirar o bicho do lago. A funcionária foi remanejada dentro do GSI.

Pois é, se você não sabia que pagava segurança para cuidar do cachorro do Temer, sem trocadilhos, saiba agora. O cãozinho, Picoly, que nenhuma culpa tem de seu dono, passa bem.

BASTA

Mais um crime bárbaro de transfobia

A LGBTfobia fez mais uma vítima. Seria apenas mais uma triste notícia do cotidiano de morte e massacre que a população LGBT é submetida cotidianamente, mas a barbárie, mais uma vez, choca. Matheusa Passarelli, jovem que se identificava como não binária e estudantes da UERJ, de só 21 anos, desapareceu no dia 24.

Relatos dão conta de que a jovem saiu de uma festa na madrugada desse dia, no bairro Encantado, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e, por alguma razão, foi parar no Morro do Dezoito, em Água Santa. Testemunhas afirmam que a jovem estava transtornada, arrancando suas roupas. Traficantes teriam capturado Matheusa, submetido a jovem a um "tribunal do tráfico" mesmo com ela inconsciente e em surto e, por fim, a executado.

Esse crime bárbaro mostra como a população LGBT quando não é morta pela PM, é assassinada por bandidos.

POUCA-VERGONHA

Você paga a farra dos deputados

Quando foi a última vez que você conseguiu fazer um batidão na praia? Para todo trabalhador, é sempre uma luta conseguir dinheiro e tempo para um momento de lazer, não é? Mas para uma cambada de privilegiados, não é assim. Você sabia que só em 2017 a Câmara dos Deputados gastou R$ 1,6 milhão em diárias no exterior para os parlamentares?

Segundo a revista IstoÉ nº 184, deputados viajaram em "missões oficiais" durante o ano para destinos como Caribe, Itália, Espanha, Portugal. Quem ganha é Nova Iorque, seguida por Lisboa. E lá, a missão oficial dessa gente é ir a shows, esbanjar em cassinos e aproveitar noitadas longe da família e do foco da imprensa brasileira.

Só um exemplo, entre 5 e 20 de janeiro, quando o Congresso está de férias, um grupo de oito deputados foi para a China e torraram R$ 63 mil em diárias.

UM CHAMADO À REBELIÃO

Ato em Aracaju reuniu 200 pessoas de diversas categorias

FOTOS: Leonardo Maia

LEONARDO MAIA E ROBERTO AGUIAR
DE ARACAJU (SE)

Petroleiros, operários das fábricas de cimento e da construção civil, ativistas do SOS Emprego, agricultores rurais, operadoras de telemarketing, ativistas do Movimento Mulheres em Luta (MML), servidores públicos e estudantes formaram o público que lotou o salão de festas do Clube Cotinguiba na noite da quinta-feira, 3 de maio. O motivo foi o lançamento do manifesto "Um chamado à Rebelião: o Brasil precisa de uma revolução socialista" e a apresentação da pré-candidatura de Vera à Presidência da República ao lado do pré-candidato a vice, Hertz Dias, em Aracaju (SE).

O ato foi coordenado pela operadora de telemarketing e dirigente do SOS Emprego Leidiane Alves e pelo operário cimenteiro Djenal Prado, ambos militantes do PSTU. Fizeram saudações ao evento: Joclis, do SOS Emprego; Paulo Gico, do Movimento Nacional de Luta no Campo e na Cidade (MNL/FNL); Amaro Lourenço, da Federação dos Trabalhadores Assalariados Rurais e pré-candidato a deputado federal pelo PSTU em Pernambuco; e Pedro Messias, o Pedrão, da direção do sindicato dos petroleiros (Sindipetro AL/SE) e da executiva estadual da CSP-Conlutas.

Em sua fala, Vera contou um pouco da sua história de vida, de quando chegou a Aracaju, ainda menina, com toda a família, que saiu do Sertão de Pernambuco fugindo da seca. Ressaltou a alegria de ter a presença de lutadoras e lutadores de vários anos de militância e também a presença de uma turma nova que se soma à luta por um projeto socialista para o Brasil e o mundo.

Ela explicou por que o PSTU está fazendo um chamado à rebelião nestas eleições: *"Para resolver os problemas da nossa classe, do povo pobre, é preciso inverter a lógica de funcionamento da sociedade. Nós precisamos nos rebelar nesse país para não passar fome, para que não sigamos morrendo nos hospitais públicos, para ter terra para plantar, para que a gente não chore a morte dos nossos filhos que são assassinados pela polícia, pela milícia ou pelo tráfico. Só assim poderemos ter paz e sossego."*

Pré-candidaturas de Sergipe

O PSTU também apresentou algumas de suas pré-candidaturas de Sergipe. Gilvani Alves, mulher negra, operária, petroleira, dirigente do sindicato da categoria e coordenadora estadual do Movimento Mulheres em Luta (MML) é a pré-candidata ao governo do estado. Também foi anunciada a pré-candidatura a deputado federal de Elinos Sabino, servidor público federal e militante histórico do movimento sindical em Sergipe. Para deputado estadual, o PSTU cedeu a legenda para Fabão, operário da construção civil; Jário, operário terceirizado da Fábrica de Fertilizantes da Petrobras (Fafen-SE); e para dois representantes do movimento campo/cidade, Zé Luis e Angela.

"Sergipe tem tido destaque nos noticiários pelos altos índices de desemprego e violência. Nossas pré-candidaturas estão a serviço de despertar no povo pobre e trabalhador do nosso estado, junto à classe operária, a necessidade de tomar esse território em suas mãos", afirma Gilvani.

PELO PAÍS

Operários assinam o manifesto por um projeto socialista

Em várias partes do país, operários discutem e aderem ao manifesto proposto pelo PSTU. É o caso dos trabalhadores da montadora chinesa Caoa-Chery, no Vale do Paraíba, em São Paulo. Um diretor do sindicato e três cipeiros da fábrica assinaram o manifesto. Desde sua instalação em 2014, a montadora passa por grandes lutas, como a greve do final de 2017, que durou 23 dias e, além de reajuste, barrou a reforma trabalhista na empresa.

"É preciso apoiar o programa revolucionário, pois temos que acabar com o capitalismo que sempre massacra a classe operária. A classe trabalhadora precisa se rebelar", afirma Anderson Xavier, o Costelinha, diretor eleito na base, que trabalha há quatro anos na montadora e apoia o manifesto.

"Precisamos nos rebelar contra os patrões, os banqueiros e o vampiro do Temer", concorda o cipeiro Thiago Maia, o Carioca, com quase quatro anos de casa.

Costelinha, operário da Cherry

Vera & Hertz pelo Brasil

O PSTU leva o manifesto "Um chamado à Rebelião: o Brasil precisa de uma revolução socialista" e apresenta a pré-candidatura de Vera e Hertz nos quatro cantos do país. Na Região Norte, o ato será no dia 15, em Belém (PA), e no dia 18 em Manaus (AM). Em seguida, Vera e Hertz seguem para a Região Sul, onde acontece ato em Porto Alegre no dia 1º de junho.

Acompanhe a agenda na página do Facebook:

 facebook.com/verapstu